

Bancos reajustam taxas conforme o risco do cliente

Na falta de parâmetros para o custo de captação, opção é analisar caso a caso para não paralisar operações

Léa De Luca
de São Paulo

Sem parâmetros confiáveis para balizar o custo do dinheiro — principalmente no médio e longo prazo —, bancos, financeiras e empresas de leasing estão adotando uma estratégia preventiva para não abandonar completamente quem precisa de crédito. Em modalidades em que as margens são apertadas, e os prazos, mais longos, os juros subiram — mas as taxas são decididas caso a caso, privilegiando clientes que oferecem menos riscos. Onde os custos já são exorbitantes — caso do cheque especial e crédito ao consumidor, por exemplo —, os bancos, em compasso de espera, podem dar-se ao luxo de manter as condições da semana passada.

Automóveis

No primeiro caso — de margens apertadas e grande concorrência —, inclui-se os financiamentos de automóveis. As instituições que operam nesse segmento optaram por aumen-

Custo maior			
	Taxas dos empréstimos (em % ao mês)		
	4/1	13/1	14/1
● Leasing/CDC veículos	3,0 a 3,5	3,5 a 5,5	3,5 a 4,5
● Capital de giro prefixado	3,4	4,9	4,6
● Desconto de duplicatas	3,1	4,7	4,4

Fonte: Mercado e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

tar a entrada, suspenderam os contratos em dólar e adotaram taxas diferenciadas conforme o cliente — menores para as grandes concessionárias e maiores para as pequenas lojas que comercializam principalmente carros usados. “É preciso muita cautela para não perder mercado nem aumentar os riscos”, diz Alcyr Leme, diretor da Fináustria (financeira do Banco BBA Creditanstalt). Para ele, o momento é de “travessia” e exige sobriedade. “As

fonte de captação de longo prazo separam, não há idéia confiável de taxa. O maior risco é o descasamento de prazos”, diz. Salomão Alelaf, diretor da financeira Losango (do Lloyds Bank) optou por subir os juros apenas ligeiramente. José Heraldo Raimundo, diretor da financeira e da empresa de leasing do Unibanco, elevou suas taxas prefixadas de 3,1% para 3,8% ao mês anteontem — mas ontem já estudava novo aumento. “A situação é difícil, pois, a

esse custo de captação, emprestar a 3,8% dá prejuízo. Ao mesmo tempo, quem cobrar mais de 4,5% não recebe”, fala. Raimundo conta que anteontem os consumidores correram para fechar contratos que já estavam aprovados. Ontem, com taxas maiores, o Unibanco fez apenas 10% dos negócios que costuma fazer por dia. E colocou o pé no freio.

Empresas

E as perspectivas não são boas também para as empresas. “Vem mais aperto de crédito pela frente”, diz Mauro Sérgio Oliveira, diretor da Oliveira Trust DTVM. Para ele, o governo flexibilizou o câmbio e agora não pode abrir mão da “âncora monetária” — leia-se a prática de juros altos — até a votação do ajuste fiscal e o restabelecimento da confiança dos investidores internacionais. “O custo primário está sob júdice, extremamente volátil”, afirma Carlos Fagundes, diretor do Banco Crefisul e vice-presidente da Associação Brasileira dos Banco Comerciais (ABBC). Para Fagundes, isso levará a um novo “empoçamento” da liquidez. No entanto, ele diz que as estimativas traçadas pelos contratos futuros estão exageradas. “O cenário mais provável é de nervosismo e instabilidade no curto prazo, mas ainda não há sinais de que a situação é insustentável”, fala. As taxas de “swap” prefixados de 180 e 360 dias — que balizam o custo de captação dos bancos — saltaram de 29% para 36% ao ano, e de 30% para 36,5%, respectivamente, entre os dia 4 e 12 de janeiro. Ontem é anteontem, a falta de liquidez desses contratos na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) impediu a divulgação de taxas. No mercado, a idéia de taxas para 180 dias era de 38% na quarta e de 42% ontem; para 360 dias, as cotações giravam ao redor de 42% no dia 13, e 43% ontem. No mercado de câmbio, as cotações de ACC também estiveram paradas — mas a expectativa era de um cenário pior nos próximos meses, com retração da oferta e alta das taxas. ■